



**EM CENA**

Revista de Pedagogias  
e Poéticas Cenográficas


E-ISSN 2764.4669

# Experimentos de uma atriz iluminadora (iluminatriz) com recursos de iluminação alternativa no ambiente de casa no período de pandemia.

Nathalia Mendes de Aguiar, Abel Lopes Pereira

## Para citar este artigo:

AGUIAR, Nathalia Mendes de. PEREIRA, Abel Lopes. Experimentos de uma atriz iluminadora (iluminatriz) com recursos de iluminação alternativa no ambiente de casa no período de pandemia. **A Luz em Cena**, Florianópolis, v.2, n.4, dez. 2022.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/127644669020420220401>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



## Experimentos de uma atriz iluminadora (iluminatriz) com recursos de iluminação alternativa no ambiente de casa no período de pandemia.<sup>1</sup>

Nathalia Mendes de Aguiar<sup>2</sup>

Abel Lopes Pereira<sup>3</sup>

### Resumo

O presente artigo decorre da pesquisa sobre meus experimentos cênicos, realizados no período do isolamento social da pandemia de COVID-19, com a utilização de materiais alternativos para a criação de iluminação, vivenciados durante o período de 2020 a 2022, no qual foram realizados experimentos com a luz, na construção de cenas com materiais luminotécnicos alternativos. O trabalho trata de um estudo de caso, que busca estabelecer um diálogo com o objeto luz, a atriz iluminadora (iluminatriz<sup>4</sup>) e a câmera. Busca criar um diálogo com os estudos de Roberto Gil Camargo, Eduardo Tudella e Fernanda Souza.

**Palavras-chave:** Iluminação teatral; Iluminatriz; Pandemia; Experimentos cênicos.

## Experiments of a theatrical illuminator (iluminatriz) with alternative lighting resources in the home environment during pandemic period.

### Abstract

The present article of the research on my scenic experiments, presented in the period of the social isolation of the COVID-19 pandemic, with the use of alternative materials for the creation of lighting, experienced during the period from 2020 to 2022. From which experiments were conducted with light, in the construction of scenes with alternative iluminotechnical materials. The work is a case study, seeking to establish a dialogue with the object light, the actress illuminator (iluminatriz) and the camera. Seeks to create a dialogue with Roberto Gil Camargo, Eduardo Tudella and Fernanda Souza's styles.

**Keywords:** Theater Lighting; Iluminatriz; Pandemic; Scenic experiments

<sup>1</sup> Texto revisado por Moisés Boga Carneiro. Graduado em Letras – Centro Universitário do Maranhão-UNICEUMA e pós-graduado em Gestão educacional – Faculdade Santa Fé.

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão- UFMA. cursou o ensino médio no Centro de Ensino Paulo VI, em São Luís, Maranhão. Atriz, iluminadora do coletivo 171, onde desenvolve experimentos com luz (iluminatriz) desde 2018

✉ nathaliaaguiaie@gmail.com |  <http://lattes.cnpq.br/5512942673726700> | 

<sup>3</sup> Orientador deste artigo. Prof. Me. Substituto do Departamento de Arte Cênica- UFMA. Licenciado em Teatro- UFMA, ator-DRT-251, bonequeiro, iluminador, coordenador Técnico do Teatro Arthur Azevedo, integrante do Grupo de pesquisa Casemiro Coco e da Companhia Oficina de Teatro - COTEATRO. Atuando desde 2006 em produções de eventos, com especial vocação para a área técnica e pesquisador das linguagens da Iluminação Cênica, Cenografia e Teatro de Formas Animadas. da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Brasil.

✉ abel.lopes@ufma.br |  <http://lattes.cnpq.br/8519316000700185> |  <https://orcid.org/0000-0002-1542-6704>

<sup>4</sup> A palavra iluminatriz/iluminator é usada para definir a função na cena quando a atriz manipula a luz em cena, utilizando equipamentos alternativos de luz. Essa palavra busca se apropriar desse jogo de iluminar e atuar ao mesmo tempo, ao trazer uma autonomia para o processo de criação.



## **Experimentos de un iluminador teatral (iluminatriz) con recursos de iluminación alternativos en el entorno doméstico durante el periodo de pandemia.**

### **Resumen**

Este artículo surge de la investigación sobre mis experimentos escénicos realizados durante el período de aislamiento social de la pandemia del COVID-19, con el uso de materiales alternativos para la creación de iluminación. Dichos experimentos experimentados, en el período de 2020 a 2022, se llevaron a cabo con luz, en la construcción de escenas con materiales de iluminación alternativos. El trabajo trata de un estudio de caso y busca establecer un diálogo con el objeto de luz, la actriz iluminadora (iluminador) y la cámara. Busca, además, crear un diálogo con los estudios de Roberto Gil Camargo, Eduardo Tudella y Fernanda Souza.

**Palabras clave:** Iluminación teatral; Iluminador; Pandemia; Experimentos escénicos.



## Introdução

Este trabalho é fruto de experimentos sobre a iluminação cênica, ao utilizar materiais alternativos, no período de 2020 a 2022 com objetivo de exercitar o fazer prático do teatro, durante o isolamento social provocado pela COVID 19. Reflete sobre a luz desses objetos como fonte de criação poética, na vivência de uma atriz iluminadora dentro de processos de iluminação no Coletivo 171<sup>5</sup> e no estágio do ensino técnico, desenvolvido durante o isolamento social.

Ao propor esta pesquisa sobre luz com materiais alternativos, vislumbro o debate sobre os meus processos de experimentação de luz como atriz e iluminadora, assimilando a luz como fonte de criação, e como essa materialidade dos objetos dialoga com a cena.

Ao optar pelo uso da palavra experimento, entendo todo meu processo como testes que não possuíam ainda nenhum objetivo para se tornar um produto finalizado, mas de compreensão sobre a luz que comunica algo, ao local que habito durante o isolamento social, como um laboratório de testes.

O principal objetivo é compreender como materiais alternativos colaboram para o processo de criação de iluminação em cenas experimentais que ao testar e adaptar esses objetos, acabam adquirindo funcionalidade no campo da iluminação cênica. Dessa forma, entendo como a luz desses objetos experimentados propõe a autonomia para pensar e elaborar, de maneira criativa, a utilização da luz nos cômodos da casa.

O primeiro passo para construir esta pesquisa foi a elaboração de testes com os materiais que tinham possibilidade de luz que se encontravam disponíveis em casa, a fim de que pudessem efetuar um diálogo entre a luz, a atriz e a câmera. Por se tratar de um período remoto, os experimentos realizados foram todos em casa, sendo pensados para câmera, pois nenhum dos experimentos deixou de ser testado através dela. O segundo passo foi a realização de experimentos no ensino do estágio remoto, por onde pude mostrar técnicas com materiais não convencionais para fornecer uma iluminação e pensar como podemos, com essa luz, compor o processo de criação. O terceiro passo foi reunir materiais fotográficos, vídeos destes experimentos, refletindo por meio dos escritos de Roberto Gill Camargo (2012), Eduardo Tudella

---

<sup>5</sup> O coletivo 171 é um grupo teatral formado por estudantes universitários do curso de Licenciatura em Teatro criado no ano de 2018, na Universidade Federal do Maranhão, e que pesquisa as vertentes da performance, dramaturgia e iluminação.



(2013) e com os estudos de Fernanda Souza (2018), sobre Gambiarra de luz.

A primeira seção desta pesquisa faz uma abordagem sobre a minha experiência de iluminação com materiais alternativos e de como me aproprio deles. Ao propor um novo olhar sobre esses objetos, assim como propiciar criatividade e autonomia para pensamentos de iluminação. A segunda seção propõe a compreensão do significado de gambiarra para as experimentações, ao dialogar com o conceito de visualidade que Tudella aborda em sua tese (2013), a partir desses objetos de luz na concepção da criação. Na terceira seção discuto sobre o objeto de luz com a atriz e a câmera, na cena *Distúrbio de Conduta*, compreendendo sobre o lugar da criação da *iluminatriz/ iluminator*.

Ao pesquisar sobre iluminação com esses objetos de luz, apresento uma forma de criar autonomia e possibilidades ao utilizar materiais não convencionais de iluminação, bem como de pensar poeticamente como essa cena pode ser criada em um lugar que não seja o palco convencional, podendo ser até mesmo os espaços de nossas casas. Trabalhar com objetos alternativos em casa é pensar formas de fomentar a criatividade, dando assim, possibilidade à criação teatral de formas diversas de propor luz.

## 1. Relatos de uma vivência

Durante o isolamento social da pandemia da *COVID - 19*, comecei a experimentar formas de iluminação alternativa com objetos que estavam disponíveis em casa. Algumas dessas técnicas que comecei a experimentar foram aprendidas no ano 2019, nas aulas da disciplina de iluminação teatral do currículo obrigatório do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, cadeira na qual uma das propostas era realizar a iluminação de uma cena com objetos alternativos sem recurso de refletores convencionais.

A cena que executamos foi *indivisível*, que fala sobre pensamentos turvos da ansiedade num diálogo sobre o corpo ansioso no espaço, em meio a ruídos, à falta de sono, entre o estar acordado e sonhando dramaturgia e atuação de Ronaldy Matheus Silva<sup>6</sup>, operação de som

---

<sup>6</sup> Graduado em Licenciatura em Teatro/ UFMA e mestrando em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde desenvolve pesquisa para procedimentos em dramaturgia. Ator, dramaturgo, pesquisador do Teatro Marítimo. Diretor artístico no Coletivo 171.



Emanuelle Paz<sup>7</sup> e desenho e execução da luz Nathalia Menguiar<sup>8</sup>. Para compor a cena utilizamos pisca-pisca, luz neon, efeito de fumaça, vela em um copo de vidro e uma luminária confeccionada nas aulas. O experimento foi realizado no Teatro de Bolso CCH/ UFMA, onde foram colocadas cortinas escuras nas janelas para que o espaço cênico ficasse completamente escuro, de maneira que o efeito da luz pudesse alcançar o seu devido objetivo. Queríamos um ambiente que evocasse uma atmosfera tensa, através do efeito da fumaça, tendo assim um espaço turvo e nebuloso. Tudella, 2013, aponta que para além de ser um efeito de visibilidade, a luz na cena tem um aspecto que articula o discurso estético. Assim, gerando uma visualidade que comunica a quem assiste as escolhas imagéticas que comungam com a proposta do espetáculo.

Desse modo, projetar luz sobre a cena promoverá visibilidade. A avaliação de cada um dos aspectos técnicos, estéticos e poéticos de tal ação, identifica a visualidade de um espetáculo, ou a qualidade das imagens [cênicas] que suscitam a articulação do seu discurso poético-visual (TUDELLA, 2013, p.52 e 53).

Quando optamos por utilizar tais objetos pensamos nos seus significados cênicos, pois trariam o espectador para uma nova possibilidade de pensamento com o texto. O posicionamento do pisca-pisca na boca de cena, com o qual fizemos um portal com os fios luminosos que se ligavam ao suporte do microfone, conforme as luzes iam piscando. Caracterizava a mente turbulenta da personagem, com os efeitos de som do microfone, ao criar um ambiente caótico e cheio de sons. Quando o personagem entra em seu mundo (casa), todas as luzes se apagam e o som some de maneira brusca.

---

<sup>7</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em Teatro/ UFMA e Cantora.

<sup>8</sup> Nome artístico da autora desse artigo.



Figura 1 – Experimento Indivisível



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

Para criar um lugar de intimidade do personagem presente na dramaturgia, utilizamos a luminária e seu botão de acender e desligar, pois quando se acende essa luz, é como se o estado do personagem estivesse acordado. Ao ligarmos a luz neon era como se estivéssemos num lugar de sonho, tudo que era escuro se tornava mais escuro ainda. Para potencializar o efeito desejado o ator usava um macacão preto para camuflar a sua pele, deixando apenas as partes do corpo que queríamos evidenciar expostas. Essas partes foram pintadas com tinta verde e laranja fluorescente, que são reagentes a luz neon e no cenário deixamos folhas de papel chamex brancas que também proporcionavam essa reflexão, criando dessa forma outro significado para aquele espaço.

Ao participar de oficinas online durante o período de 2021, que tinham como objetivo a criação de cenas em espaços disponíveis em nossas casas, utilizando equipamentos que proporcionassem uma certa luminosidade, tais como vela, lanterna do celular, fita de led, luz



## Experimentos de uma atriz iluminadora (iluminatriz) com recursos de iluminação alternativa no ambiente de casa no período de pandemia.

Nathalia Mendes de Aguiar, Abel Lopes Pereira

natural, etc assim, discutíamos sobre como esses objetos projetores de luz comunicavam nas nossas propostas cênicas e depois reelaborávamos, criando novas composições com essas luzes. A partir disso, comecei a pensar de como poderia criar iluminação por meio de materiais presentes em casa, o que fiz no meu quarto, testando frascos de perfume com a lanterna do celular em contato com o meu corpo. Com o isolamento social continuei a realizar experimentos no Coletivo 171 do qual faço parte, ao elaborar e participar de trabalhos online com experimentos cênicos, leitura dramática e fotografias.

Figura 2 – Teste com frasco de perfume e lanterna do celular



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Durante o estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Teatro da UFMA, na modalidade de nível médio/técnico, desenvolvido em modo remoto, tive a oportunidade de ensinar e testar com as atrizes a criação e a manipulação de iluminação com objetos de luz que estavam disponíveis em suas casas, colaborando para uma compreensão da luz, experimentando ângulos dentro dos espaços diversos, a exemplo de quarto, cozinha, sala, entre outras, proporcionando,





dessa maneira, uma experiência prática às envolvidas.

No processo de criação em casa e na minha formação como iluminadora, assim como a maioria dos estudantes de teatro, principiantes na vivência com a iluminação, tenho pouco ou nenhum acesso a recursos luminotécnicos convencionais utilizados nos edifícios teatrais, e por isso recorro a elementos alternativos.

[...] me debruçando sobre a construção artesanal e a ressignificação de materiais luminotécnicos hospitalares, que se transformam em refletores. Em cena, dialogam com o personagem, mas não deixavam de fazer seu papel de refletor cênico (BONFANTI, 2015, p. 13).

Guilherme Bonfanti traz no artigo *A luz no Teatro da Vertigem: processos de criação e pedagogia (2015)* a experiência com os espetáculos “A Trilogia Bíblica”, quando no processo de criação desses trabalhos – realizados em espaços não convencionais – tratou de um processo de criação de iluminação, utilizando materiais presentes no ambiente, que são agregados ao espetáculo, construindo um discurso estético.

Nas observações para testar e reelaborar experimentos me apropriei de materiais em casa que proporcionam algum tipo de iluminação ou reflexo, pude perceber como o lugar da casa nos fornece novas formas de “fazer” luz e iluminar algo. Utilizando recursos como a vela, o isqueiro, a lanterna do celular, copo de vidro ou recipiente de vidro com água, pedaço de vidro, espelhos, luz do sol ou a própria lâmpada do quarto, com objetivo de experimentar novas possibilidades com esses elementos e de fomentar um diálogo que criasse uma narrativa por meio da ressignificação desses materiais, ao criar dessa maneira um jogo homogêneo por meio dos elementos do teatro e potencializados pela luz, nuances de cores que esses materiais oferecem; ao criar uma atmosfera neste espaço, pude perceber o quanto a luz tem a capacidade de comunicar algo pelos seus raios luminosos.

A cor é a luz decomposta. Os raios de luz, decompostos pelas vibrações, tocam um determinado objeto e essa decomposição, que nosso olho fotografa, é sempre quimicamente o resultado das diferentes mudanças da matéria e dos raios de luz. Cada um desses efeitos é designado sob o nome de cor (FULLER, 2020, p. 63).

Loie Fuller (2020) faz uma reflexão sobre a luz quando é refletida em um objeto que pode ser alterado, tendo um resultado de cor. Pensando nisso, durante esses processos comecei a



testar a utilização de tecidos, plásticos, para modificar as cores utilizando a lanterna do celular ou luminária de escritório, apenas colocando uma folha de papel branca para tirar o aspecto endurecido que a luz tinha, deixando-a mais difusa (suave). Notei que, quando essa luz ia para a câmera, seja do celular ou computador, era outro mecanismo de olhar. Em alguns testes coloquei materiais na frente da câmera, que eram tecidos, plásticos ou objetos, alterando a forma da filmagem. Ao usar esse recurso, percebi também que, quando a luz incidia neles fazia com que adquirissem outras formas, pois eles refletiam a luz, criando um efeito e textura para quem à assistia.

Nos testes com a luz de vela em um copo de vidro, percebi as nuances da luz no corpo, no ambiente e nos objetos presentes que eram iluminados com a luz trêmula e de baixa intensidade. Conforme se distanciava da luminosidade, a proposta da cena ganhava outros significados estéticos, pois a luz da vela conforme se afasta da atriz, acaba perdendo sua nitidez. (Figura 3). Segundo Camargo (2012, p. 98) “as pessoas, os objetos e principalmente os lugares são vistos de modo diferente, dependendo do tipo de luz que recebem”. Ao elaborar um experimento sobre a luz e como ela age na percepção de quem assiste, foi possível entender que ao dispor o copo com a vela, no meu quarto, o local me induziu a uma nova imersão de cena, pois a luz bruxuleante da vela era como um véu que precisava chegar bem próximo à pele ou a objetos para que pudessem ser vistos, ao tornar o diálogo com aquela luz um jogo que esconde e revela; assim ptei por conduzir o copo com mão, no decorrer do desenvolvimento da cena, iluminando o rosto de um lado, proporcionando sombra no outro e conseqüentemente enquanto se afastava a vela, criava-se um ambiente com uma atmosfera enevoada.



Figura 3 – Testes com a luz da vela



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021

Camargo (2012) salienta que:

Ainda que fontes específicas possam sugerir determinados estados atmosféricos, é a maneira como se lida com a luz, isto é, a sua elaboração estética, que realmente determina tais resultados (CAMARGO, 2012, p. 101).

Um ambiente pode se tornar mais denso ou leve, claro ou escuro, pela tonalidade e intensidade da luz projetada. Ao experimentar a luz da lanterna do celular, optei por deixar a luz mais suave, colocando uma folha de papel sulfite branca na frente da luz. Assim, a luz se tornou mais difusa e não ficou com aspecto estourado<sup>9</sup>, pois o objetivo era criar uma luz mais homogênea para iluminar o rosto da atriz. Em outra possibilidade, com a lanterna sem o papel, na cena de *Distúrbio de Conduta*<sup>10</sup>, quando o ator estava manipulando a luz e a colocava abaixo do seu rosto, o mesmo apresentava aspecto de deformação, conforme ele conduzia a luz, no decorrer da cena, até a câmera. Notei então que os raios luminosos começavam a ofuscar a imagem e, para quem assistia, era como se o ator estivesse desaparecendo.

<sup>9</sup> A captação da câmera.

<sup>10</sup> Experimento realizado no Coletivo171. Disponível no *Youtube* do Coletivo 171.



O objetivo era passar para quem assistisse o processo de perda de consciência da personagem<sup>11</sup> (Figura 4).

Figura 4 – Distúrbio de conduta



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021

Em outros estudos de cena no Coletivo 171, pesquisamos como estabeleceríamos o jogo cênico no modo virtual e como o corpo se comunicaria com a câmera. Construimos a partir de nossas pesquisas individuais, sobre luz, performance e dramaturgia o experimento cênico: O que um coletivo pode fazer em tempos de pandemia<sup>12</sup> (2021). Dessa forma, para Camargo (2012, p. 63) “a luz reinventa o objeto, como se ele estivesse sendo visto pela primeira vez. [...] O espectador mesmo sem sair do lugar, pode ter uma impressão visual completa dos objetos, como se estivesse vendo sob todos os ângulos. [...]”. Com base nisso, criando cenas, diálogos que foram feitos através de efeitos visuais com luz e a materialidade na frente da câmera, que seria para distorcer a imagem captada pela câmera, quando a usamos dependendo da iluminação em contato com ela, chegamos a outras imagens.

<sup>11</sup> Distúrbio de Conduta conta a história de uma mulher jovem que foi presa à força em um “manicômio”, a pedido de sua família, passando anos sendo submetida a remédios sedativos e seções de eletrochoque. A lucidez é referente a sua perda de juventude e discernimento devido aos métodos empregados a ela.

<sup>12</sup> O vídeo desta cena está disponível no *Youtube* do Coletivo 171.



Pensando em como a luz cria um contribuinte imagético, ao colocá-la em contato com os materiais, transformamos a imagem nítida em que era vista, em angulações borradas, turvas. Quando estávamos em um momento de experimentação, desliguei a luz do quarto e coloquei um tecido preto transparente na câmera, criando assim uma visão distorcida sobre mim. Ao acender a vela, essa visão distorcida foi acentuada, pois com a luz em baixa intensidade, mesmo que tão perto do meu rosto, assim criando um texto sobre as minhas descobertas como mulher negra na sociedade, a iluminação criada era com o medo, que ia sendo revelado (Figura 5).

Figura 5 – Experimento O que um coletivo pode fazer em tempos de pandemia – Lado esquerdo Usando de um prato de vidro, tule e plástico e iluminação. Lado direito a minha criação com o tecido preto e a luz da vela.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021.

Testando, reelaborando, fui aprendendo com a iluminação alternativa em casa e experienciando com ela na criação, nas propostas de ensino com o estágio obrigatório do Curso de *Licenciatura em Teatro, com o Grupo de Teatro Jovens Fazendo Arte*<sup>13</sup>, antigo *Colun Vox*, logo pude relacionar a prática e a teoria, ao colaborar com novas metodologias de experimentações.

<sup>13</sup> Devido ao COVID – 19, nossas aulas eram todas no remoto, com 7 alunas que acompanharam as aulas.



Na dissertação de Fernanda Souza (2018) ela traz em entrevistas 3 iluminadores cariocas que aprenderam sobre a luz de modo não formal, sendo pessoas que se interessaram pela iluminação cênica, observando outros iluminadores e sendo orientados pelos mesmos. Ao tratar formas de ensinar, recorro ao pensamento de Paulo Freire que o processo de ensino aprendizagem trata de uma via de mão dupla que ao momento que ensino também aprendo, dessa forma ao ensinar alguém nós passamos pelo processo de reaprendizagem.

Dito isso, observa-se que os processos criativos de cada iluminador aqui analisado estão indiretamente ligados às trocas vivenciais desenvolvidas entre eles através do convívio e do tempo de aprendizagem. Independente das metodologias e técnicas empregadas no ensino da iluminação de um para o outro[...] (SOUZA, 2018, p.56).

Na elaboração dos planos de aulas optamos por utilizar o conceito de noções<sup>14</sup>, tendo em vista que, segundo Gilberto Icle (2011, p. 63), “uma noção não se localiza nem na prática, tampouco na teoria teatral. Ela está mais ou menos aparente num entre-lugar da prática e da teoria”. Concordamos que trabalharíamos em *noções* da iluminação, dramaturgia e encenação, tendo assim uma mobilidade, para que o desenvolvimento do ensino fosse profícuo. Bachega Júnior e Concílio (2021) no artigo Pedagogia da iluminação também indica o conceito de noção quando trabalhamos o ensino da iluminação.

Compreendemos que no caso de artistas não especializados em luz cênica, podemos valorizar a aquisição de noções sobre iluminação Cênica. As noções seriam os saberes fundamentais para uma relação satisfatória com a luz na criação cênica. Cabe aos/às docentes o exercício de sinalizar quais noções e consequentemente quais conteúdos são fundamentais para cada contexto de ensino e aprendizagem. (BACHEGA JUNIOR, 2021, p. 8).

Os experimentos que realizamos foram com atrizes que não tinham a experiência de elaboração de montagem e manipulação da luz, pois seus trabalhos se realizavam no campo da atuação e performance. Mas elas compreendiam a iluminação como instrumento de criação. Então ao trabalhar o observar, manipular, pensar a luz, tínhamos um laboratório de cenas, para

---

<sup>14</sup> As noções atravessam o trabalho criativo da cena teatral. Isso significa dizer que se trata de um coletivo (de alunos atores e professor-diretor, mesmo que essas funções possam variar) empenhado em criar uma performance. Muitas vezes necessitamos realizar tarefas em sala de aula que não estão diretamente relacionadas com o cerne da atividade teatral, mas são preparatórias ou requisitos para que o objetivo principal possa se desenvolver. Assim, um aquecimento, como forma de iniciar uma oficina, pode ou não introduzir aos participantes uma noção teatral.



que elas não se limitassem apenas a executar, mas elaborar experiência artística com os recursos que traziam, como disparadores nas construções de narrativas. Ao apresentar textos, músicas ou imagens queriam fornecer disparadores aos seus anseios criativos, fomentando diálogos com os espaços de suas casas.

## 2. Diálogos de criação: uma articulação com a gambiarra

A palavra diálogo, no dicionário, vem do latim *dialōgus* para epistemologia grega é o objetivo que passamos para adquirir conhecimento com processos. Entendo que, dialogando com meus experimentos cênicos, por meio da luz que é emitida por determinado objeto e de referências visuais que acumulei na trajetória acadêmica, forneceram suporte para elaboração com a gambiarra de uma iluminação cênica. Compreendendo como a iluminação é pensada com os objetos de luz alternativos, corroborando para uma visualidade, na manipulação da atriz com esse objeto de luz e também de como essa iluminação é colocada na câmera nestes tempos de virtualidade. Com base nisso, compreendo então que, nos termos de Souza (2018):

[...] a gambiarra não é apenas um recurso empregado para sanar problemas, mas também é um meio de alcançar determinado resultado estético a partir de um recurso que foi criado combinando elementos originalmente não concebidos para aqueles fins. Para tanto, devendo-se recorrer à criatividade assim como à intuição (SOUZA, 2018, p.48).

A gambiarra se faz necessária aos meios com os quais se pretende produzir, quando entendo ao meu redor com as qualidades precárias e de difícil acesso, potencializadas no isolamento social provocada pela COVID-19, pois essas materialidades com luz ajudaram a compor experimentos e a estudar a iluminação, uma vez agregados à criação, a modificação dos objetos para a luz, acoplado junto a luminária de escritorio, a *ring light*<sup>15</sup> com tecidos, plásticos de cores: vermelho, azul e verde, para poder ter recursos de experimentações (Figura 6).

---

<sup>15</sup> É um acessório de iluminação usado para tirar fotos ou gravar vídeos.



**Figura 6** – Elementos que fizeram parte dos experimentos: luminária de escritório com papel Celofane, Ring Light com tecido verde.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021 – 2022

Iara Souza (2018, p.62) reforça que “na gambiarra, o signo pode ser manipulado alterando formas, conteúdo e função/contexto.” Compartilho que, agregando com a luz da vela, com um copo de vidro, a lanterna do celular com um recipiente com água, tecidos, plásticos ou garrafas pets, acrescento a eles não apenas a função de iluminar a cena, ou lhes dar apenas uma visibilidade<sup>16</sup>, contribuo sim, também, para uma visão poética e estética, ao se pensar na criação de uma iluminação cênica.

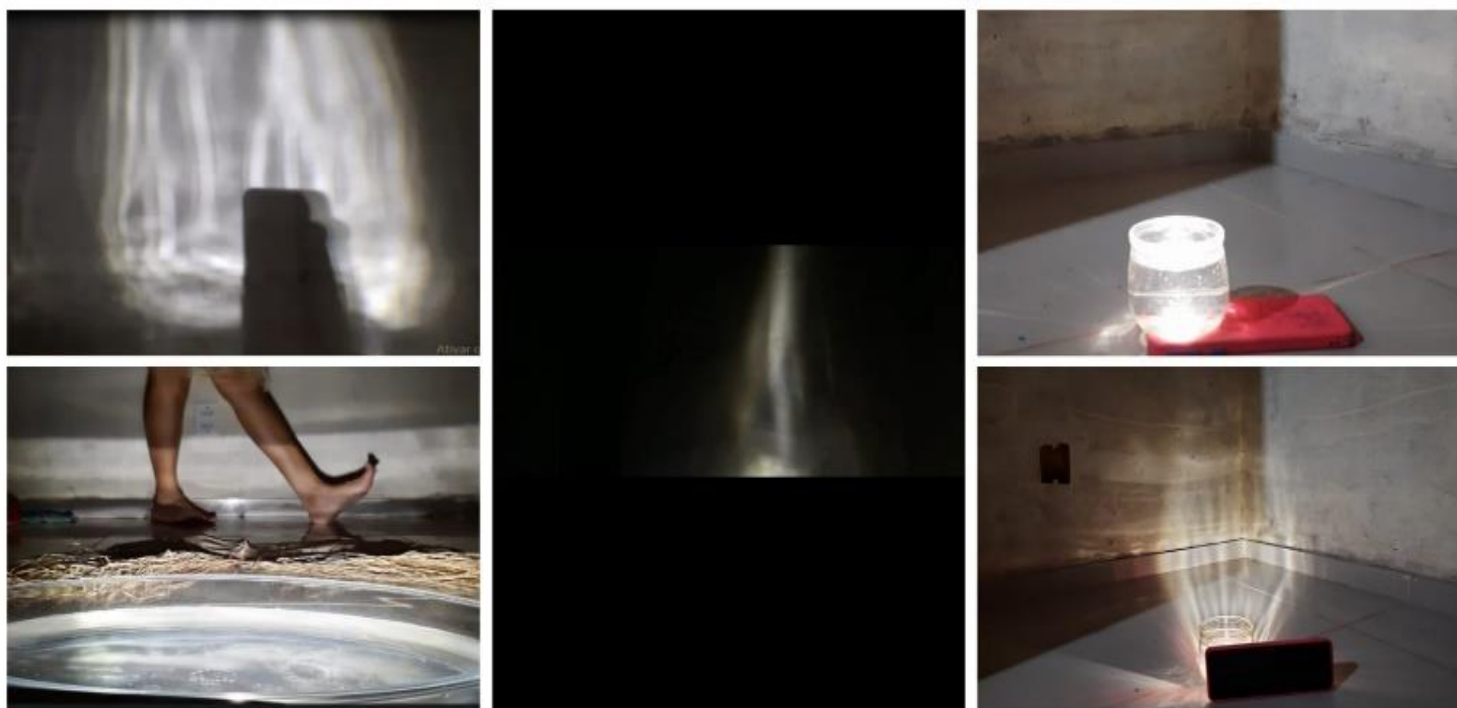
Utilizando a materialidade do copo de vidro e a travessa com água, com a lanterna do celular perto desses objetos, existia uma projeção da água que a luz refletia, obtendo-se uma luminosidade clara, quase pálida (Figura 7). Para poder utilizar essa luz em um experimento, tive que entender o mecanismo a partir dela, adaptando ao objeto, as possibilidades obtidas com ele estático ou a lanterna do celular sendo conduzido na mão da atriz, pois dependendo do posicionamento da lanterna, a luz que era refletida alterava o tamanho.

<sup>16</sup> O conceito para Tudella: O termo visibilidade será aqui aplicado para referência esquemática à sensibilização do aparelho óptico humano, como resultado da incidência de luz sobre um objeto.





**Figura 7** – Experimento com o copo de vidro e travessa com água e a lanterna do celular



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021

Assim, na práxis cênica, os aspectos constitutivos da visibilidade (as fontes de luz e os corpos sobre os quais elas incidem, nas condições específicas do ambiente) contribuem para a qualidade visual, ou visualidade, já indicada pela dramaturgia [ou por outro ponto de partida qualquer que origine um espetáculo], sendo perpassada por variáveis estéticas e poéticas. Tais variáveis incluem os traços de períodos, de estilos, do ideário que origina e constitui a poética de cada artista (TUDELLA, 2013, p. 53).

Ao relacionar a Tudella (2013) a poética que propus, trabalhando a visualidade da cena que relacionava a ancestralidade da relação das mulheres de uma família com o rio, que usavam para banhar e lavar roupa, e o apagamento das novas gerações afastando desse lugar, optei por colocar a luz da lanterna abaixo do copo com água. A iluminação foi direcionada ao rosto da atriz, sendo refletido um aspecto pálido.

A gambiarra se transforma em objeto de luz, nos comunicando de como objetos que normalmente não são utilizados para a luz ou com função de cena, se tornam uma forma viável de construção artística dentro de casa ou outros locais, sem o acesso de equipamentos convencionais.



### 3. O objeto luz e as suas nuances para a câmera

O objeto de luz é compreendido como tal, ao passar pelo processo de sair do seu uso convencional, se tornando um elemento na iluminação. Na execução da cena *Distúrbio de Conduta* em formato remoto, foi compreendida a função de *iluminatriz/ iluminador* ao Ronaldy Matheus Silva, que no processo de criação com os objetos de luz, conduziu com eles a iluminação da cena.

A palavra apresentada *iluminatriz/ iluminador*, é a junção de duas funções: atriz/ator com iluminadora/iluminador. Construir estes experimentos cênicos foi essencial no isolamento social, pois a sua concepção é empregada quando a atriz/ator manipula a luz na cena, estabelecendo um diálogo de construção com o objeto luminoso alternativo, apresentando assim uma forma de conduzir a iluminação, pois a atriz/ator é a iluminadora/iluminador e a iluminadora/iluminador é a atriz/ator. A luz não atua sem a atriz/ator e atriz/ator não atua sem a luz. Logo, elas são dependentes para poderem existir no espaço cênico, isolado socialmente, conforme realidade que foi imposta para toda a sociedade, especialmente atriz/ator dentro da criação.

Dessa forma, segundo Camargo (2018):

[...] A relação entre luz e cena constitui um processo de trocas e de complementação recíproca. A luz afeta a cena, que, por sua vez, afeta a luz, produzindo um diálogo incessante, um acordo de mudanças e adaptações ininterruptas, à medida que uma se põe diante da outra. São dois processos vinculados, indissociáveis, em estado de codependência. (CAMARGO, 2018, p. 221)

Na construção imagética de *Distúrbio de Conduta*, nossos encontros de ensaios foram todos virtualmente, assim as cenas que era montadas pelo iluminador, que se apropriava, manipulando a luz que era emitida dos objetos de luz, assim ele é compreendido como o criador e operador para que a iluminação tenha seu resultado esperado. Compreendo com Teixeira e Ximenes (2018) que:

A operação de luz é o momento em que a iluminação se realiza, tornando-se arte, onde lhe é dado o devido sentido semiológico através da cena, a realização da verdade artística. A operação de luz exige um estado de atenção, onde por meio do jogo cênico, há a modificação da cena por meio da luz e da luz por meio da cena. (TEIXEIRA; XIMENES, 2018, p. 135).



Conduzida pela mão do iluminador a lanterna do celular promovia a luminosidade, que ao entrar em contato com o vidro que tinha frases escritas, gerava uma projeção. A lanterna permaneceu toda a cena ligada, sendo manipulada pela mão do ator para poder entrar em contato com o vidro ou o tecido de lantejoulas em uma das cenas, ou permanecendo estático apoiado no computador. Todos esses materiais ficavam ao lado do *iluminador*, pois buscamos a mobilidade de ação para que ele pudesse não se locomover em grandes distâncias, operando assim a luz. A cena em que a personagem fala sobre a dor do abandono e a saudade de sua família, a carta era o meio com que esperava as respostas a inúmeras outras que enviou à mãe, e ao como a um delírio ela é banhada das letras com escritas de sua mãe (Figura 8).

Figura 8 – O pedaço de vidro como as palavras projetadas



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2021.

A *iluminatriz* ou *iluminador* em concepções não é uma construção de isolamento. É um lugar de criação da atriz/ator e iluminadora/iluminador, que concebe a sua corporeidade para cena junto ao objeto de luz, “compreensão de que a atuação é uma composição e que, por isso, o ator deve ter interesse em perceber os demais processos criativos que envolvem uma cena, tentando



compreendê-los como extensões de suas ações corporais” (MOURA, 2020, p. 114). Entendo então que, para a construção da cena a *iluminatriz /iluminator* e o objeto da luz e a câmera precisam se relacionar para que o experimento se efetive.

Ao trabalharmos com a câmera (palco) gravando experimentos com luzes, percebemos que o ângulo tem que estar sempre o mais próximo possível da/o atriz/ator e se precisar ajustar a intensidade da luz, que seja pela câmera. Aliás, toda a composição de iluminação é através dela. Lima e Souza (2021) ao falarem sobre a experiência em trabalhos com a câmera do computador em trabalhos com o virtual observam essa evidência da luz sobre a cena, que se dá pela proximidade que a câmera tem com o ator. Segundo eles:

A ação dramática, no contexto virtual, ocorre em um pequeno quadrado delimitado pela extensão da câmera do aparelho de transmissão. Dessa forma, é perceptível que a luz tende a ficar em evidência, tanto pela proximidade entre a tela e o ator, quanto pela assimilação de uma grande variedade de elementos narrativos presentes naquele pequeno espaço (LIMA; SOUZA, 2022, p.11).

No decorrer da cena, quando o *iluminator* canta a música “estamos todas de azulão, lavando o pátio de pé no chão”, o tecido de lantejoulas foi colocado na frente da câmera do computador, que ao estar em contato com a luz da lanterna do celular, permitiu que obtivéssemos reflexos luminosos, sugerindo um sonho e fantasia, lembrando um vislumbre das vedetes. Para Camargo (2018, p. 222.) “a iluminação não precisa dizer tudo, mas o que é suficiente para ser visto e compreendido dentro de determinada situação cênica”. Ao propor essas escolhas cênicas com a iluminação, procurava dar a quem assiste a compreensão, mesmo que individual e única, das angústias passadas pela personagem. Ao compreender as propostas de iluminação, se emolduram na visualidade da cena que coloca o diálogo de luz, a atriz e a câmera, com o conjunto para uma experimentação com a cena.

Vivenciando a câmera como olho do espectador, quem a conduz detém o poder de recortar a cena, induzido assim o que poderia ser ou não visto, assim como no palco presencial do qual pelas cortinas, iluminação e cenografia delimita até onde o olhar do espectador pode ir. Quando se manuseia a câmera a/o atriz/ator vai enquadrando e dando recorte da cena. Schneider (2014) aponta como o recorte é importante para a narrativa, pois:



Gravar um vídeo é recortar um espaço, escolher um determinado ângulo em meio a tantas opções de enquadramento. Assim, aquilo que é assistido pelas pessoas corresponde à perspectiva gerada pelo olhar de quem planejou a narrativa e principalmente daquele que estava atrás da câmera (SCHNEIDER, 2014, p. 2)

Em laboratório de cena do estúdio, ao construir uma experimentação do qual a atriz ficou distante da câmera, pois a proposição era tirar o enquadramento apenas do rosto e ter ela de corpo inteiro, tendo em vista que a dificuldade de realizar a iluminação se fez presente, pois a lâmpada da sua casa não conseguia suprir e deixou a cena com muita sombra. Ao tentarmos com uma *ring light*, a luz que chegava ao seu rosto não se adaptava ao que queríamos propor, que seria com uma iluminação de fim de tarde, que lembrasse casas antigas. Mesmo que tentássemos com outras formas, a qualidade da câmera sempre se perdia no sentido que queríamos capturar a cena.

A problemática de trabalhar com a câmera, mas especialmente do celular ou computador, é por suas vezes a falta da qualidade de captação, ruídos causados pela conexão instável, ou apenas a não adequação da lente.

No campo da experimentação na cena virtual, compreendo que para a criação de uma cena, existe uma relação entre o objeto de luz e a atriz/ator, entre a atriz/ator e a câmera e entre o objeto de luz e a câmera.

Construir essas cenas com o recurso da iluminação alternativa e agregar a elas um valor criativo e de liberdade, pois ao ser feita em um lugar sem recurso de refletores, permite que possamos levar a iluminação em sua concepção, em lugares onde geralmente seu acesso é limitado.

## Considerações finais

Ao caminhar por esta pesquisa em formato de artigo sobre a iluminação teatral com materiais alternativos, desenvolvida no período do isolamento social, me foram proporcionadas experiências muito enriquecedoras para o meu entendimento como iluminadora cênica. Compreendo que ao agregar o uso de objetos alternativos iluminotécnicos na cena, para a criação de uma iluminação, significa a possibilidade de criação de experimentos artísticos



contundentes para o desenvolvimento do meu trabalho.

Por ser de fácil acesso e de baixo custo, esses equipamentos iluminotécnicos podem ser facilmente utilizados em lugares onde os refletores convencionais ainda não podem chegar. Mas, não tornando esses objetos como quebra galho, uma coisa ou recurso utilizado para resolver problemas ou dificuldades inesperadas, mas sim compreendidos como soluções e ressignificados de acordo com os objetivos artísticos desejados.

Compreendendo que na utilização dos mesmos, os modos como são operados se reconfiguram, sendo compreendidos no presencial e no teatro remoto, o modo como são feitos e manipulados, agrega a sua estética ao trabalho. Isto pensando que no palco presencial e por meio da câmera do computador ou celular, a iluminadora que executa o desenho da luz está presente no palco, que é o agente que cria e executa a iluminação na cena.

Ao ler e reler essas páginas inúmeras vezes, concluo que o trabalho desenvolvido na graduação e nas minhas vivências fora da academia, serviram de aprendizado, incentivo a investir em novas possibilidades de experimentações de recursos técnicos, para que nossas ideais e inquietudes estéticas tivessem formas e se materializassem em novas poéticas.

Portanto, o ensino remoto, me permitiu observar a luz, por meio dos processos de experimentações com as alunas e realizados nas suas casas. Essa pesquisa se mantém viva e é apenas o início de uma busca, pois o trabalho mostrou que existem muitas formas de se fazer luz que ainda podem ser experimentadas e pensadas em lugares diversos através de elementos e espaços em que a luz possa se materializar.

## Referências

BACHEGA JUNIOR, V. A. CONCILIO, Vicente. Por uma Pedagogia da Iluminação Cênica: do que estamos falando? **A Luz em Cena**, Florianópolis, v. 1, n. 1, jul. 2021.

BONFATI, Guilherme. **A luz no Teatro da Vertigem: Processo de criação e pedagogia**. Sala preta, 2015.

CAMARGO, Roberto Gill. **Função estética da luz**. São Paulo, Perspectiva, 2012.

CAMARGO, R. G. Luz e cena: impactos e trocas. **Sala Preta**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 106-116, 2015. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v15i2p106-116. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/107217>. Acesso em: 1 jul. 2022.



CAMARGO, R. G. A escrita e não escrita da luz. **Urdimento**, v.1, n.31, p.216-224, Abril 2018

FULLER, Loie. **Quinze anos da minha vida**. Tradução de Fernando L. Costa. Inhumas – GO. Performatus, 2020.

ICLE, Gilberto. Problemas teatrais na educação escolarizada: existem conteúdos em teatro?. **Urdimento**, N° 17 | setembro de 2011.

LIMA, D. C. T. .; SHENG, D. S. Iluminação e Pandemia: Perspectivas estéticas da luz no contexto virtual. **A Luz em Cena: Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas**, Florianópolis, v. 1, n. 01, p. 1-27, 2022. DOI: 10.5965/27644669010120210203. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/aluzemcena/article/view/19939>. Acesso em: 4 jul. 2022.

MOURA, L. R. G. A iluminação cênica no processo criativo da atuação: princípios e práticas na Companhia de Teatro Engenharia Cênica. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 37, p. 169-181, 2020. DOI: 10.5965/1414573101372020169.

SCHNEIDER, Catiúcia K. **Parâmetros visuais como apoio à produção de vídeos educacionais para o ensino de ciência e tecnologia no contexto da mobilidade e conectividade**. 2014. Pelotas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, 2014.

SOUZA, Fernanda Guimarães Mattos de. **Gambiarras De Luz: reflexões sobre a formação do iluminador cênico sob a ótica de três gerações cariocas**. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível: [http://ppgac-ecoufrj.com.br/uploads/f/s/disserta-fernanda-mattos\\_bpfr.pdf](http://ppgac-ecoufrj.com.br/uploads/f/s/disserta-fernanda-mattos_bpfr.pdf). Acesso em: 08 jul. 2022.

SOUZA, Iara Regina da Silva. **A gambiarra na cena: uma poética de iluminação para ativação de obras de arte em Belém do Pará**. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011. Disponível em: <https://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/disserta%C3%A7%C3%B5es/2009/IARA%20REGINA%20DA%20SILVA%20SOUZA.compressed.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2022.

TEIXEIRA, J. C.; XÍMENES, F. L. O percurso contínuo do processo criativo da luz. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 31, p. 130-139, 2018. DOI: 10.5965/1414573101312018130. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/141457310131201813>. Acesso em: 4 jul. 2022.

TUDELLA, Eduardo Augusto da Silva. **Práxis cênica como articulação de visualidade: a luz na gênese do espetáculo** / Eduardo Augusto da Silva Tudella. - 2013. 629 f. il.Orientador: Prof. Dr. Ewald Hacklero. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27309>. Acesso em: 11 jul. 2022.

Recebido em: 15/09/2022

Aprovado em: 14/12/ 2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC  
Centro de Artes – CEART  
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas  
[aluzemcena.ceart@udesc.br](mailto:aluzemcena.ceart@udesc.br)